

Emancipar meninas? A leitura literária para adolescentes.

¿Emancipar a las muchachas. La lectura literaria para los adolescentes.

Emancipating girls? Literary reading for adolescents

Cristina Maria Rosa¹

Resumo

No artigo apresento a composição de um acervo literário disponibilizado a um projeto de leitura para adolescentes escolarizadas, cujo foco é discutir maus tratos emocionais ou violência psicológica. Ao criar um programa de leituras para meninas em que a liberdade para pensar e escolher fosse o meio e o fim, reuni um grupo de livros que têm em comum, temas ou protagonistas meninas, mocinhas ou mulheres que extrapolam os clássicos papéis destinados culturalmente ao gênero feminino. Na construção dessas personagens e tramas, os autores e autoras apresentam desfechos inusitados, inteligentes, bem humorados, afetivamente incluídos e com lógicas não violentas. No trabalho, apresento o acervo produzido por esse trabalho de pesquisa e intervenção. Os maus tratos emocionais são um fenômeno caracterizado por um constante e reiterado desrespeito ao outro. Muitas vezes sutil, se manifesta pelo desprezo, desqualificação ou depreciação de gostos, escolhas e competências, através de falas, comentários ou mesmo argumentações que ridicularizam, desabonam e desacreditam a imagem do outro de forma direta ou indireta, publicamente, na presença e mesmo na ausência do envolvido. É uma violência que, em parte considerável das vezes, abre portas para outras manifestações e formas de violência como violência física, moral, patrimonial, sexual. Na elaboração desse "conceito", busquei conhecer pesquisas, artigos e palestras desenvolvidas por pesquisadores na área.

Palavras-chave: Acervo literário; Adolescentes; Maus tratos emocionais; Leitura na Escola.

Resumen

En el artículo presento la composición de un acervo literario disponible a un proyecto de lectura para adolescentes escolarizadas, cuyo foco es discutir malos tratos emocionales o violencia psicológica. Al crear un programa de lecturas para niñas en las que la libertad para pensar y escoger fuera el medio y el fin, reuní un grupo de libros que tienen en común, temas o protagonistas mujeres adolescentes o adultas que extrapolan los clásicos papeles destinados culturalmente al género femenino. En la construcción de esos personajes y tramas, los autores y autoras presentan resultados inusitados, inteligentes, bien humorados, afectivamente incluyentes y con lógicas no violentas. En el trabajo, presento el acervo producido por ese trabajo de investigación e intervención. Los malos tratos emocionales son un fenómeno caracterizado por un constante y reiterado irrespeto al otro. A menudo, sutil, se manifiesta por el desprecio, descalificación o depreciación de gustos, elecciones y competencias, a través de conversaciones, comentarios o incluso argumentaciones que ridiculizan, desabonan y desacreditan la imagen del otro de forma directa o indirecta, públicamente, en presencia e incluso en la ausencia del involucrado. Es una violencia que, muchas veces, abre puertas a otras manifestaciones y formas de violencia como violencia física, moral, patrimonial, sexual. En la elaboración de ese "concepto", busqué conocer investigaciones, artículos y conferencias desarrolladas por investigadores en el área.

Palabras clave: Acervo literario; adolescentes; Malos tratos emocionales; Lectura en la Escuela.

Abstract

In this paper, I have introduced the composition of a literary collection which was made available to school adolescents in a reading project whose focus was to discuss emotional maltreatment and psychological violence. When I created a reading program which aimed at giving girls freedom to think and choose, I gathered some books whose common cores were either themes or protagonists who are girls, adolescents or women who extrapolate classic roles which are culturally played by the feminine gender. In the construction of these

¹ Doutora em Educação pela UFRGS; Porto Alegre; RS; Brasil; cris.rosa.ufpel@hotmail.com

characters and plots, their authors exhibit unwonted, intelligent, good-humored and affectively inclusive endings, with non-violent logic. In the text, I have introduced the book collection selected by this research and intervention work. Emotional maltreatment is a phenomenon which is characterized by constant and recurring lack of respect to others. It is often subtle and can manifest as contempt, disqualification or belittlement of tastes, choices and competences in talks, comments or even arguments that mock, discredit and disbelieve someone's image, either directly or indirectly, in public whether s/he is present or not. It is violence that often opens doors to other manifestations and forms of violence, such as physical, moral, patrimonial and sexual one. While developing this "concept", I searched for studies, papers and speeches carried out by researchers in the area.

Key words: Literary collection; Adolescents; Emotional maltreatment; Reading in school.

1. Introdução

A violência contra mulheres e meninas, representada por maus tratos emocionais ou violência psicológica, está presente, também, em narrativas literárias, especialmente nos contos clássicos. Em parte considerável desses contos, a ingenuidade, a fragilidade e a inocência – atributos das heroínas – estão frequentemente ameaçadas pela morte. Traidora, sua presença é sempre temida. Enquanto ela não chega, por que não um sofrimentozinho?

No artigo apresento a composição de um acervo literário disponibilizado a um projeto de leitura para adolescentes escolarizadas, cujo foco foi discutir maus tratos emocionais ou violência psicológica. Ao criar um programa de leituras para meninas em que a liberdade para pensar e escolher fosse o meio e o fim, reuni um grupo de livros que têm em comum, temas ou protagonistas meninas, mocinhas ou mulheres que extrapolam os clássicos papéis destinados culturalmente ao gênero feminino. Na construção dessas personagens e tramas, os autores e autoras apresentam desfechos inusitados, inteligentes, bem humorados, afetivamente incluídos e com lógicas não violentas.

Fenômeno caracterizado por um constante e reiterado desrespeito ao outro, os maus tratos emocionais são, muitas vezes, sutis. Manifestam-se pelo desprezo, desqualificação ou depreciação de gostos, escolhas e competências, através de falas, comentários ou mesmo argumentações que ridicularizam, desabonam e desacreditam a imagem do outro de forma direta ou indireta, publicamente, na presença e mesmo na ausência do envolvido. É uma violência que, em parte considerável das vezes, abre portas para outras manifestações e formas de violência como violência física, moral, patrimonial, sexual.

Em estudos realizados pela UNESCO (2015), flagrou-se violência de gênero no ambiente escolar. Representada por assédio verbal ou sexual, abuso sexual, punição física e *bullying*, essas formas de violência podem resultar em um aumento do absenteísmo, fraco desempenho, desistência escolar, baixa autoestima, depressão, gravidez e infecções sexualmente transmitidas com impacto negativo na aprendizagem e no bem-estar de meninas e meninos. Na elaboração do "conceito", busquei conhecer pesquisas, artigos e palestras

desenvolvidas por pesquisadores na área. A leitura do relatório final relativo ao Seminário Educação em Sexualidade e Relações de Gênero na Formação Inicial Docente no Ensino Superior, ocorrido em outubro de 2013 na Fundação Carlos Chagas em São Paulo, foi preponderante para a elaboração do texto (UNESCO, 2014).

2.As clássicas obras literárias

Se observarmos obras como Chapeuzinho Vermelho, Pele de Asno, Barba Azul, Cinderela, A Bela e a Fera, Branca de Neve, Rapunzel, João e Maria, O Patinho Feio, A pequena Vendedora de Fósforos e A princesa e a Ervilha, só para mencionarmos alguns clássicos, perceberemos que, em cada uma delas, há um longo e programado sofrimento infligido a personagens frágeis, especialmente crianças e meninas ou mocinhas às vésperas de descobrirem-se mulheres. Nessas obras, a morte é uma ameaça presente, quase uma promessa.

“Contos maravilhosos” ou “Contos de Fadas” pertencem ao gênero literário intitulado “Literatura Fantástica” e, nas palavras de Todorov (1975, p. 12), gêneros literários são precisamente essas escalas através das quais a obra se relaciona com o universo da literatura. Nesses contos, arrebatadora, a morte é iminente. E não são vicissitudes como a fome, as doenças, os terremotos ou as inundações que a apresentam aos personagens. Não. Quem apresenta a morte aos pequenos – às meninas, às mocinhas – são mães, pais, madrastas, madrinhas, irmãs, vizinhas. Assim como nas “verdadeiras histórias”, agressões sexuais são mais frequentes em casa, no “lar”, do que na rua, nos becos.

Em uma obra interessante – interface entre a psicanálise e a literatura – intitulada Fadas no Divã, Diana e Mário Corso (2006) avaliaram o impacto que parte significativa dos contos clássicos produziu e produz na psique e em nossa constituição como sujeitos. Ao propor interpretações sobre personagens e tramas, lançam mão de conceitos psicanalíticos para alicerçar hipóteses e, através de metáforas como “Expulsos do paraíso”, “Um lobo no caminho”, “A mãe possessiva”, “O despertar de uma mulher”, “O pai incestuoso”, “A mãe, a madrasta, a madrinha”, “Histórias de amor I: quem ama o feio, bonito lhe parece” e “Histórias de Amor III: Finais infelizes”, entre outras, o casal de autores realiza agrupamentos de narrativas nas quais esses fenômenos aparecem. O que se pode depreender, a partir da contribuição de Diana e Mário Corso, é que há, nas narrativas, intensa presença de atitudes que hoje denominamos maus tratos emocionais, abandono e desmando de adultos sobre os infantes.

O abandono e o desmando pode ser claramente observado em A menina dos fósforos, João e Maria e O patinho Feio, preponderantemente. Ameaça de violência sexual,

especialmente em *Pele de Asno*, mas também em *Chapeuzinho Vermelho*. Desterro e Violência (de pai, marido, monstro) em *Barba Azul*, *A Bela e a Fera* e *Pele de Asno*. Observa-se também, que há, em algumas das narrativas, a presença de “violência benévola”, embora essa expressão não seja utilizada na obra dos psicanalistas Corso. Representada pela competição entre mulheres e explicitada em narrativas como *A princesa e a Ervilha*, *Barba Azul*, *Branca de Neve*, *Chapeuzinho Vermelho* e *Cinderela*, a violência se localiza na “moral”, implícita ou explícita, ofertada pelo desfecho. Nas entrelinhas, no epílogo ou posterior ao fim da narrativa, o leitor compreende que “só uma princesa merece o amor de alguém”, “a curiosidade mata”, “é perigoso ser bela”, “mulheres ‘fáceis’ é que são abordadas por lobos” e se almeja casar-se, a protagonista necessita de um rol de virtudes: ser bela, ter paciência, humildade, delicadeza.

Além disso, percebe-se a presença de maus tratos quando há punições exemplares como em *Rapunzel*, que ousa relacionar-se sexualmente apesar do isolamento na torre e merece o desterro em um lugar deserto no qual dá à luz seus filhos. Ao “príncipe” que preteriu a Bruxa, coube a cegueira e errar pelo mundo como castigo. São punições aos “desvios de caráter” que tornaram esses contos educativos, moralizantes, exemplares. Neles, assim como nas fábulas, inveja, soberba, ganância, gula, apetite sexual são desaconselhados em desfechos mal sucedidos.

E qual seria a intenção desses contos? De acordo com Darnton (1996), um dos autores estudados e mencionados pelos psicanalistas, o objetivo das narrativas – e a presença de violência nelas – não era o de prevenir as crianças a respeito da desobediência aos pais e nem mesmo de protegê-las do contato precoce com a sexualidade adulta. Por não serem destinadas especificamente a crianças, essas narrativas retratavam um mundo de brutalidade nua e crua e, desse modo, aparentemente, apenas ajudavam os habitantes de aldeias camponesas a atravessar as longas noites de inverno. Sua matéria? Os perigos do mundo, a crueldade, a morte, a fome, a violência dos homens e da natureza.

Na apresentação ao livro dos psicanalistas, Maria Rita Kehl (2006, p. 16) pondera que “os contos populares, pré-modernos, talvez fizessem pouco mais do que nomear os medos presentes no coração de todos, adultos e crianças, que se reuniam em volta do fogo enquanto os lobos uivavam lá fora, o frio recrudescia, a fome era um espectro capaz de ceifar a vida dos mais frágeis, mês a mês”. Walter Benjamin (1994), no entanto, pensa que os contos eram capazes de “dar um bom conselho quando ele era difícil de obter” e podem ser considerados como ajuda preciosa “em caso de emergência”. Complementa: “Essa emergência era a emergência provocada pelo mito” (BENJAMIN, 1994, p. 232).

Nomear medos, oferecer ajuda ou mesmo prevenir comportamentos são hipóteses que buscam responder a presença desses contos ainda hoje entre nós, de seu impacto no imaginário infantil, mas não só. Ao observar a presença de maus tratos emocionais e violência “benévola” em narrativas literárias, podemos escolher se, como e quando ler. Para nós mesmos e para os demais. Para nossas crianças?

3. Narrativas clássicas

As narrativas orais – forma milenar de transmissão do conhecimento – são consideradas “técnicas de transmissão oral” que “apelam ao poder imaginativo dos pequenos ouvintes” e são capazes de conectá-las ao “elemento maravilhoso” e “à multiplicidade de sentidos que caracterizam o mito em todas as culturas e em todas as épocas”, formando um “acervo comum de histórias, através do qual a humanidade reconhece a si mesma” (KEHL, 2006, p. 16).

Para Benjamin (1994, p. 221), “contar história sempre foi a arte de contá-la de novo” e “quanto mais o ouvinte se esquece de si mesmo, mais profundamente se grava nele o que é ouvido”. O pesquisador acredita que é assim que “se teceu a rede em que está guardado o dom narrativo”. Do oral, as histórias migraram para a forma escrita e, também por isso, produziram sua longevidade em nossa memória cultural.

E quais são os clássicos contos que nos ajudam a “atravessar as longas noites de inverno”? Qual é o “acervo comum de histórias” que conhecemos e partilhamos?

Como adultos brasileiros, temos uma infância mediada pela escola. Nela, o literário a nós oferecido se utilizou desse acervo comum de narrativas que circularam oralmente em todas as culturas, tornando-o também o nosso acervo clássico. Incorporada e disseminada, as obras de Charles Perrault (1697) Jacob e Wilhelm Grimm (1812/1815) e de Hans Christian Andersen (1843), primeiros autores a dar acabamento literário ao que hoje conhecemos como Contos Maravilhosos, de Fadas ou de Encantamento, influenciaram nosso maior escritor de literatura para crianças – Monteiro Lobato. Ao “beber nessa fonte” e criar aventuras de uma infância antes nunca pensada, mas intensamente vivida no Sítio do Picapau Amarelo, imediatamente fomos conectados ao “universal”.

4. O que é um clássico?

Para Sergius Gonzaga (2011), há alguns “traços definidores do que hoje se considera um texto clássico” e a primeira característica é a atemporalidade, ou seja, clássica é uma obra

que ultrapassa “o seu tempo, persistindo de alguma maneira na memória coletiva e sendo atualizada por sucessivas leituras, no transcurso da história”.

Outra das características mencionadas por Gonzaga em seu texto é a presença, nos clássicos, de “paixões humanas de maneira intensa, original e múltipla” e serem obras que “registram e simultaneamente inventam a complexidade de seu tempo”. A linguagem é outra das características marcantes e definidoras de uma obra clássica, de acordo com Gonzaga. Para ele, nas obras clássicas há a presença de “formas de expressão inusitadas, originais e de grande repercussão na própria história literária”.

Por serem “obras de reconhecido valor histórico ou documental, mesmo não alcançando a universalidade incontestada”, autores nacionais como Machado de Assis, os poetas Carlos Drummond e Manuel Bandeira, os inventores da linguagem João Guimarães Rosa, Clarice Lispector e Rubem Braga e os modernos Dalton Trevisan, Rubem Fonseca e Moacyr Scliar ou mesmo regionais podem ser considerados clássicos (GONZAGA, 2009), e, no Rio grande do Sul, João Simões Lopes Neto é um deles. Para Gonzaga, ainda, “talvez a característica fundamental de uma obra clássica seja a sua inesgotabilidade”, ou seja, a capacidade que um livro tem de permanecer interessante e novo a cada leitura, múltiplo, tendo sempre algo a nos dizer. Ele cita Calvino (1993) para corroborar sua afirmação: “Um clássico é um livro que nunca terminou de dizer aquilo que tinha para dizer”.

Para o estudioso, um “clássico é fundamental também pelo efeito que deflagra na consciência do leitor” e, de acordo com esse olhar, propõe que o consideremos, “simultaneamente” como “forma única de conhecimento”, “utilização da linguagem de uma maneira exemplar, original e inesperada” e “um conjunto de revelações, ideias e sentimentos que têm a propriedade de durar na memória mais do que outras manifestações artísticas”.

5.E na literatura para crianças, o que são considerados clássicos?

Na literatura escrita para as crianças, atualmente, são reconhecidos como clássicos os Contos de Fadas, também nomeados Contos Maravilhosos ou Contos de Encantamento. São as narrativas compiladas da oralidade por Charles Perrault (1628-1703) e pelos Irmãos Grimm – Jacob (1785-1863) e Wilhelm (1786-1859) – e as narrativas criadas por Hans Christian Andersen (1805-1875), preponderantemente.

Quais as características desses contos maravilhosos que os tornam clássicos? Com certeza, a longevidade, a presença intensa e concomitante nas infâncias desde então. São narrativas que persistem na “memória coletiva” e têm sido atualizados “por sucessivas leituras” e mesmo recontações e reescrituras.

Outra das características dos contos maravilhosos que os tornam clássicos é a abordagem de temas humanos, como o amor, e nele a inveja, o ciúme, as disputas e as violações e o medo – do abandono, da solidão, da crueldade e da morte, entre outros. Esses “temas”, tratados “de maneira intensa, original e múltipla” encantam, produzem o desejo de serem desvendados, desvelados desde tenra idade.

Ao registrar e simultaneamente inventar “a complexidade de seu tempo”, os contos maravilhosos revelam a infância que havia em priscas eras, e as tramas que a ela eram pertinentes. Mesmo tendo se passado trezentos e dezessete anos de sua primeira grafia conhecida (PERRAULT, 1697), o memorável encontro de Chapeuzinho Vermelho com o Lobo Mau parece ser absolutamente passível de acontecer. Hoje. Aqui ao lado, em algum parque... E é isso que o torna clássico: indica uma infância possível: ingênua, no limite entre a curiosidade e o perigo. Um cristal: transparente e prestes a quebrar.

O medo é “uma das sementes privilegiadas da fantasia e da invenção”, é um “sentimento vital que nos protege do risco da morte” e as “crianças procuram o medo”, de acordo com Kehl (2006, p. 17). Ouvir histórias “é um dos recursos de que as crianças dispõem para desenhar o mapa imaginário que indica seu lugar na família e no mundo” e contar histórias é o “papel geracional que cabe aos pais frente aos filhos” (KEHL, 2006, p. 18).

Uma obra, para ser considerada clássica precisa, também, criar formas de expressão “inusitadas, originais e de grande repercussão na própria história literária”. Neste caso, a clássica expressão “Era uma vez...”, que abre grande parte dos contos, tem forte impacto na memória afetiva de gerações, sendo empregada sempre que se quer anunciar uma leitura ou mesmo o mistério.

Os clássicos – compilados e/ou inventados pelos autores acima citados – são obras “de reconhecido valor histórico ou documental”, integrando a história da língua dos países de origem bem como retratos de um tempo e de um modo de pensar não apenas a infância. Pela qualidade, diversidade e contribuição à dicionarização da língua, sua filologia e mesmo memória oral, os manuscritos do primeiro volume dos Contos de Fada para o Lar e as Crianças (1812) dos irmãos Grimm, por exemplo, foram considerados patrimônio cultural da humanidade (ILUSTRADA, 2005).

Outra importante razão para os contos de encantamento serem considerados clássicos é sua “inesgotabilidade”, ou seja, é possível fazer diferenciadas e infindáveis leituras de uma mesma narrativa. Leituras e recontos vide as inúmeras versões hoje conhecidas de algumas delas.

6. Clássicos Infantis Brasileiros

No Brasil, podem-se considerar clássicas as narrativas de Monteiro Lobato, pois possuem as características que Ítalo Calvino ressalta como indispensáveis ou mesmo componentes de um clássico: possuem longevidade, tratam temas humanos com intensidade, registram e simultaneamente inventam a complexidade de seu tempo, criam formas de expressão inusitadas, originais e de grande repercussão, têm valor histórico e documental e oferecem uma possibilidade inesgotável de leituras...

No entanto, diferentemente dos clássicos universais, há algumas características que aparecem preponderantemente em textos literários para a infância e a ingenuidade é a maior das características. Valor perdido ou mesmo desatualizado na vida adulta, a ingenuidade é plausível e fundante na literatura para a infância.

Outras das características presentes que configuram, definem ou mesmo organizam um texto para que ele seja considerado como pertencente ao campo da arte literária infantil são a presença da magia ou elemento mágico, a necessidade da imaginação ou faz-de-conta, a ancestralidade ou pertencimento (personagens interligados familiarmente), a localização geográfica e temporal indefinida (tempo/espaço inexistente), a literariedade (linguagem metafórica) e a ludicidade (mentira/verdade).

Assim, textos literários infantis são textos que estabelecem uma conexão imediata com a imaginação, com o mundo que existe como desejo, possibilidade. O texto literário nos remete a situações inusitadas e podemos, através dele, transgredir (a ordem, as leis, as regras, as idades) ou mesmo só pensar que se faz isso. Através dele podemos brincar de ser outro, mais novo, mais velho, com poder, sem nenhum, com muito ouro, com quase nada. Como exemplo, temos o invencível traço de Eva Furnari (2000) e seu Pandolfo: "No reino da Bestolândia, havia um jovem príncipe chamado Pandolfo. Pandolfo nada entendia de amor ou amizade...". Pronto, já entrei no reino, visualizei Pandolfo, ele é jovem, não entende nada de amor ou amizade, o reino existe e quero saber o que será dito na próxima página. É Eva Furnari e suas invencionices. Literatura pura, da mais alta qualidade.

Textos literários infantis são também textos que apresentam vínculo com a ancestralidade, com nossa condição de humanos em sociedade. O texto literário nos faz pertencer e nos ensina que, um dia, em torno do fogo, ouvíamos e contávamos e, desse modo, inventávamos a linguagem...

Textos literários infantis são os que preveem a existência de elementos mágicos, fantásticos, inverossímeis que, na trama, são absolutamente possíveis de existir, como o pó de

pirlimpimpim. São textos caracterizados pela presença de linguagem metafórica e, em alguns casos, de palavras ou expressões inventadas, que produzem tamanho efeito no leitor que ele acaba acreditando nelas, vivendo-as, multiplicando-as. Um exemplo?

Havia uma aldeia em algum lugar, nem maior nem menor, com velhos e velhas que velhavam, homens e mulheres que esperavam, e meninos e meninas que nasciam e cresciam” (...). E ela mesma resolveu escolher tomar este caminho de cá, louco e longo, e não o outro, encurtoso. Saiu, atrás de suas asas ligeiras, sua sombra também vinha-lhe correndo, em pós. (ROSA, 1992).

Textos literários infantis são brinquedos inventados por nós, através de um mecanismo incrível, o nosso cérebro e nossa imaginação. Não há máquina que imite, é criação pura, invencionice, bobices e gostosuras, como diz Fanny Abramovich. Doce e útil, a literatura tem o compromisso de encantar o leitor e, ao mesmo tempo, torná-lo mais culto, mais perspicaz, mais inteligente, mais curioso... A obra literária não tem a tarefa de informar, embora possa fazer isso, não tem a tarefa de educar, apesar de poder. Tem compromisso com a imaginação, a emoção, a estética.

7. Narrativas Modernas

E os contos infantis modernos? Apresentam “maus tratos emocionais e violência benévola” em seus roteiros e conteúdos, em suas imagens e desfechos? Se sim, como podemos nos apropriar desses contos para entender, impedir, minimizar a dor e o sofrimento causados à infância?

Antes de tudo, é preciso considerar o que seriam “maus tratos” e “violência” em narrativas literárias, uma vez que a linguagem literária tem como característica um não explícito vínculo com o real. Para Todorov (1975), o texto literário “não entra em uma relação referencial com o ‘mundo’ como o fazem frequentemente as frases de nosso discurso cotidiano” e ele “não é representativo de outra coisa senão de si mesmo” (1975, p. 14). Com o desejo de ser pedagógica, moralizante, ética, a literatura infantil produzida modernamente tem passado ao largo de questões polêmicas e dolorosas. “Higienizada” a partir da invenção da infância, grande parte do que conhecemos como literatura apresenta um “final feliz”, indicando infâncias que não mais se defrontam com o medo, a crueldade, a morte.

Há, no entanto, exceções, representadas por autores que se aventuram a dialogar com o sofrimento e a morte. Não interessados em fechar as narrativas em finais insistentemente felizes, esses textos tem conquistado lugar entre as mentes que desejam da literatura mais que entretenimento. É o caso de *O pato, a morte e a tulipa*, de Wolf Erlbruch. No livro, um conto

moderno, a morte é uma irônica personagem que, diante da vítima afirma estar ali “por via das dúvidas”.

Observando o poder da literatura para além da clássica fruição, Todorov (2012), afirma que a literatura tem um poder imenso: ela pode “nos estender a mão quando estamos profundamente deprimidos, nos tornar ainda mais próximos dos outros seres humanos que nos cercam, nos fazer compreender melhor o mundo e nos ajudar a viver” (p. 76). Como a filosofia e as ciências humanas, a literatura é, para Todorov, “pensamento e conhecimento do mundo psíquico e social em que vivemos” e a realidade que a literatura aspira compreender é, simplesmente, “a experiência humana” (p. 77).

A intenção de produzir prazer e pensamento – quase uma unanimidade entre os pensadores mais modernos acerca da literatura – é, no entanto, uma raridade entre os escritos modernos e, apenas com critérios, leitura intensa e frequente além de delicadeza, é que teremos as condições de selecionar o que pode ser utilizado para evidenciar e produzir o desvelamento das abordagens adultas inadequadas à infância. Acredito que a boa literatura tem o dever e o poder de nos tirar da “zona de conforto”, rosa ou azul que escolhemos para representar a infância. Ela veio ao mundo não para ser objeto de deleite, apenas, de prazer estético.

Há bastante tempo, Cecília Meireles (1951) já se referia a obras adequadas à infância. Para ela, “um livro de literatura infantil é, antes de mais nada, uma obra literária. Nem se deveria consentir que as crianças frequentassem obras insignificantes, para não perderem tempo e prejudicarem seu gosto”. Literatura é arte! E, sim, deve fazer pensar sobre a condição humana.

8. Conclusões

Tendo como foco a leitura literária e integrado a políticas incentivadas pela UNESCO (2015) que partem de pesquisas indicadoras da violência de gênero nas escolas e em suas imediações como impeditivas para milhões de crianças em todo o mundo de cumprir seu potencial acadêmico, o objetivo do artigo foi apresentar resultados da composição e apresentação de um acervo de obras literárias que ensinassem a pensar sobre as narrativas, seus personagens e desfechos. Um grupo de títulos pode ser disponibilizado na escola para meninas adolescentes e em um evento intitulado “Leitura para Meninas” nos anos de 2017 e 2018.

Desenvolvido pelo GELL – Grupo de Estudos em Leitura Literária da Faculdade de Educação da UFPel e destinado às meninas que frequentavam o 7º, 8º e 9º anos em uma

Escola Pública, as obras literárias lidas às meninas foram escolhidas por terem, em seu universo ficcional, protagonistas inspiradoras, que não esperam príncipes e se responsabilizam por si mesmas, propõem saídas inusitadas para velhos problemas e são bem humoradas. Como desdobramento metodológico, após a leitura ouve a discussão dos desfechos, com as meninas que, provocadas, emitiram opiniões: sobre a obra, as protagonistas, o evento.

Entre os resultados parciais se encontram a) a aceitação da escola e do público com relação à proposta; b) a repercussão na cidade através da mídia online, jornal impresso e entrevista à TV; c) envolvimento de um grupo PET da UFPel na produção e postagem de matéria referente ao evento em um canal no *Youtube*; d) Composição de uma lista de obras.

Com a repercussão do ocorrido, aos títulos inicialmente selecionados para a leitura para meninas foram agregados outros. Assim, um acervo maior, mais plural e com maior abrangência foi composto e tem sido disponibilizado. Lendo, questionando e reverberando internamente os dilemas propostos por estes contos nem sempre maravilhosos, meninas podem educar-se. Ao reunir um acervo literário para pensar sobre estas “questões de gênero”, a busca foi por obras que sugerissem protagonismo. O intuito foi criar um programa de leituras para meninas em que a liberdade para pensar e escolher fosse o meio e o fim a partir de um grupo de livros que em comum, abordam temas ou protagonistas antagônicos à mesmice e à violência.

Entre os **resultados**, uma pequena lista, iniciada por *Le petit Chaperon Rouge*, conto de fadas de origem europeia publicado pela primeira vez em 1697, pelo francês Charles Perrault com um claro recado à infância e às meninas: os lobos existem, eles são perigosos, eles se disfarçam, eles matam. Os demais títulos são: A Bailarina, de Vinícius de Moraes; A Zeropéia, de Herbert de Souza; As meninas, de Cecília Meireles; A ervilha que não era torta... mas deixou uma princesa assim, de Maria Amália Camargo; A Zeropéia, de Herbert de Souza; Bem do seu tamanho e Bisa Bia, Bisa Bel, de Ana Maria Machado; Ceci tem pipi?, de Thierry Lenain; Chapeuzinho Amarelo, de Chico Buarque; Coisa de Menina e Coisa de Menino, de Pri Ferrari. Ervilina e o Princês, de Sylvia Orthof; Espelho, de Suzi Lee; Felicidade Clandestina, de Clarice Lispector; Inês, de Roger Mello e Mariana Massarani; Mania de Explicação, de Adriana Falcão; Maria vai com as outras, de Sylvia Orthof; Nós, de Eva Furnari; O cabelo de Lelê, de Valéria Belém; O livro dos grandes opostos filosóficos, de Oscar Brenifier e Jacques Després; O Príncipe que Bocejava, de Ana Maria Machado; Orie, de Lúcia Hiratsuka; Pandolfo Bereba, de Eva Furnari; Sebastiana e Severina, de André Neves; Selma, de Udo Araiza; Teresinha e Gabriela, de Ruth Rocha; Uma chapeuzinho

vermelho, de Marjolaine Leray; Um útero é do tamanho de um punho, de Angélica Freitas; Vermelho Amargo, de Bartolomeu Campos de Queirós.

Como uma “lista aberta” a qual podem ser agregados novos títulos, a disponibilização do acervo em diferenciados momentos – estágios acadêmicos, projetos de leitura, seleção de obras para bibliotecas – passou a fazer parte do projeto original, demandando um programa de duração longa, o que está sendo considerado.

Referências

ABRAMOVICH, Fanny. *Literatura Infantil: gostosuras e bobices*. São Paulo: Editora Scipione, 1989.

BENJAMIN, W. *O Narrador*. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov. In: *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

CORSO, D. L. & CORSO, M. *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.

DARNTON, R. *O grande massacre dos Gatos*. Rio de Janeiro: Graal, 1996.

ERLBRUCH, W. *O pato, a morte e a tulipa*. São Paulo, Cosac Naify, 2013.

FURNARI, E. *Pandolfo Bereba*. São Paulo: Moderna, 2000.

GONZAGA, S. *Curso Clássicos Brasileiros com Sergius*. Disponível em: <http://oficialiterariacharleskiefer.blogspot.com.br/2009/10/curso-classicos-brasileiros-com-sergius.html>. Acesso em 28 de setembro de 2018.

GONZAGA, S. *O que delimita um clássico?* Disponível em: http://educaterra.terra.com.br/literatura/temadomes/temadomes_classicos_2.htm. Acesso em 10 de setembro de 2018.

KEHL, M. R. Prefácio. In: CORSO, D & CORSO, M. *Fadas no Divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2016.

LABBÉ, B. & PUECH, M. 2012. *A vida e a Morte*. São Paulo: Scipione.

MACHADO, A. M. *Como e por que ler os clássicos universais desde cedo*. São Paulo: Objetiva, 2002.

MEIRELES, C. *Problemas da Literatura Infantil*. Belo Horizonte: Secretaria de Estado da Educação, 1951.

PAULINO, G. *Leitura Literária. Glossário CEALE*. Belo Horizonte: UFMG, 2014.

TODOROV, T. *Introdução à Literatura Fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 1975.

TODOROV, T. *A literatura em perigo*. Rio de Janeiro: Difel, 2012.

TODOROV, T. *Literatura não é teoria, é paixão*. Entrevista concedida a Anna Carolina Mello e André Nigri. Revista Bravo, fevereiro de 2010, páginas 38-39.

Portal da Folha de São Paulo. ILUSTRADA. *Contos dos irmãos Grimm são declarados patrimônio cultural da UNESCO*. Publicada em 22/06/2005 - 10h34min. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/folha/ilustrada/ult90u51489.shtml>. Acesso em 22 de dezembro de 2018.

Portal da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. *Seminário Educação em Sexualidade e Relações de Gênero na Formação Inicial Docente no Ensino Superior*. Fundação Carlos Chagas, São Paulo, 9 de outubro de 2013: Relatório Final. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000233142>. Acesso em 12 de agosto de 2018.

Portal da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura – UNESCO. *Violência de gênero nas escolas e em suas imediações impede milhões de crianças em todo o mundo de cumprir seu potencial acadêmico*. Disponível em: <http://www.unesco.org/new/pt/rio-20/single-view/news/gender-based-violence-in-and-around-schools-prevents-million/>